

ARTIGO DE INVESTIGAÇÃO (ORIGINAL)

Perspetivas de Mães sobre o Programa Digital de Parentalidade Primeira Infância Plantar Amor

Mothers' Perspectives on the Digital Parenting Program Primeira Infância Plantar Amor

Perspectivas de las Madres sobre el Programa Digital de Parentalidad Primeira Infância Plantar Amor

Maria Wanderley de Lavor Coriolano
Marinus¹

 <https://orcid.org/0000-0001-7531-2605>

Mírela Dantas Ricarte²

 <https://orcid.org/0000-0001-9225-0856>

José Mauricio Bueno Haas²

 <https://orcid.org/0000-0002-9179-7216>

Emanuel Duarte de Almeida Cordeiro³

 <https://orcid.org/0000-0001-6437-3197>

¹ Universidade Federal de Pernambuco,
Departamento de Enfermagem, Recife,
Pernambuco, Brasil

² Universidade Federal de Pernambuco,
Departamento de Psicologia, Recife,
Pernambuco, Brasil

³ Universidade Estadual do Sudoeste
da Bahia (UESB), Departamento de
Psicologia, Vitória da Conquista, Bahia,
Brasil

Autor de correspondência

Maria Wanderley de Lavor Coriolano
Marinus

E-mail: mariawanderleya.coriolano@ufpe.br

Recebido: 10.02.25

Aceite: 24.07.25

Resumo

Enquadramento: O Programa Primeira Infância Plantar Amor (PIPA) é um programa digital parental que visa fortalecimento da parentalidade e desenvolvimento infantil.

Objetivo: investigar as perspetivas das mães envolvidas e não envolvidas no PIPA relativamente aos conteúdos do programa e os conhecimentos e habilidades adquiridos em parentalidade e desenvolvimento infantil.

Metodologia: Estudo descritivo e exploratório, com abordagem qualitativa. Participaram 30 mães, todas do sexo feminino, com idade média de 28 anos ($DP = 6,49$). A recolha de dados realizou-se através de entrevistas semiestruturadas *online*. Os dados foram codificados e organizados com apoio do *software* NVivo 12.

Resultados: Emergiram três categorias finais: a) Desafios da parentalidade; b) Impressões das mães sobre o programa e; c) Práticas parentais. As percepções relatadas sugerem que intervenções digitais como o PIPA, apresentam elevado potencial como modelo promissor para o uso consciente e oportuno das tecnologias digitais.

Conclusão: Estas ferramentas são valiosas para a educação em saúde, sobretudo junto de grupos que necessitam continuamente de conhecimentos e competências para promover práticas parentais.

Palavras-chave: desenvolvimento infantil; parentalidade; educação em saúde; saúde digital

Abstract

Background: The Early Childhood Planting Love Program (*Programa Primeira Infância Plantar Amor* - PIPA) is a digital parenting program aimed at strengthening parenting skills and promoting child development.

Objective: To investigate the perspectives of involved and uninvolved mothers regarding the content of the PIPA program, as well as the knowledge and skills they have acquired in the areas of parenting and child development.

Methodology: Descriptive and exploratory study with a qualitative approach. The sample consisted of 30 mothers, with a mean age of 28 years ($SD = 6.49$). Data were collected through online semi-structured interviews. The data were coded and organized using NVivo 12 software.

Results: Three categories emerged: (a) parenting challenges; (b) mothers' perspectives on the program; and (c) parenting practices. These perspectives suggest that digital interventions, such as the PIPA program, are promising models for the conscious and timely use of digital technologies.

Conclusion: These tools are valuable for health education, particularly for groups that consistently require knowledge and skills to improve parenting practices.

Keywords: child development; parenting; health education; digital health

Resumen

Marco contextual: El Programa Primera Infancia Plantar Amor (PIPA) es un programa digital de parentalidad que tiene como objetivo fortalecer la parentalidad y el desarrollo infantil.

Objetivo: Investigar las perspectivas de las madres que participan y no participan en el PIPA en relación con los contenidos del programa y los conocimientos y las habilidades adquiridos en materia de parentalidad y desarrollo infantil.

Metodología: Estudio descriptivo y exploratorio, con enfoque cualitativo. Participaron 30 madres, todas mujeres, con una edad media de 28 años ($DP = 6,49$). La recopilación de datos se llevó a cabo mediante entrevistas semiestructuradas *online*. Los datos fueron codificados y organizados con el apoyo del *software* NVivo 12.

Resultados: Se identificaron tres categorías finales: a) Desafíos de la parentalidad; b) Impresiones de las madres sobre el programa y; c) Prácticas de parentalidad. Las percepciones relatadas sugieren que las intervenciones digitales como PIPA tienen un gran potencial como modelo prometedor para el uso consciente y oportuno de las tecnologías digitales.

Conclusión: Estas herramientas son valiosas para la educación en salud, sobre todo entre los grupos que necesitan continuamente conocimientos y competencias para promover prácticas de parentalidad.

Palabras clave: desarrollo infantil; parentalidad; educación en salud; salud digital



Escola Superior de
Enfermagem de Coimbra

fct

Fundação
para a Ciência
e a Tecnologia

Como citar este artigo: Coriolano Marinus, M. W. L., Ricarte, M. D., Haas B. J. M., & Cordeiro, E. D. (2025). Perspetivas de Mães sobre o Programa Digital de Parentalidade Primeira Infância Plantar Amor. *Revista de Enfermagem Referência*, 6(4), e40263. <https://doi.org/10.12707/RV125.18.40263>



Introdução

A relevância do desenvolvimento na primeira infância (DPI) é amplamente reconhecida pela neurociência devido ao rápido crescimento cerebral e à vulnerabilidade a danos com impactos duradouros. O DPI é influenciado por fatores protetores e de risco em vários contextos, como genética, psicossocial e ambiental (Mukherjee et al., 2021). Políticas públicas globais, como o *Nurturing Care* da Organização Mundial de Saúde (OMS), enfatizam a importância de investir em ações de promoção da saúde integradas no cuidado infantil, abrangendo saúde, nutrição, cuidados adequados, aprendizagem precoce, segurança e proteção. A primeira infância (primeiros 6 anos de vida) tem sido priorizada em políticas públicas voltadas para os cuidados integrais, particularmente nas áreas de saúde, educação e assistência social (Daelmans et al., 2021).

Intervenções parentais remotas, como as realizadas em intervenções *online*, representam uma opção inovadora que permite reduzir os desafios associados às atividades presenciais e alcançar um número mais alargado de crianças e das respetivas famílias. Uma revisão sistemática recente identificou um número limitado de estudos que avaliam o efeito de programas parentais implementados remotamente na interação cuidador-criança, bem como no desenvolvimento infantil (Solís-Cordero et al., 2022). O programa Primeira Infância Plantar Amor (PIPA) oferece conteúdos educativos sobre desenvolvimento infantil por meio de uma plataforma digital integrada ao WhatsApp, promovendo conhecimentos e atitudes positivas entre cuidadores de crianças na primeira infância. Comercializado para empresas, pode ser oferecido como benefício a funcionários ou a comunidades do entorno. A plataforma inclui áudios, vídeos e textos organizados nos eixos de saúde, nutrição e socioemocional, adaptados à idade da criança e acessíveis de forma autônoma. Considerando a importância de avaliar as perspectivas das usuárias sobre um programa digital de parentalidade para aperfeiçoar os processos que envolvem a mediação tecnológica e o papel de agentes mobilizadores, o estudo tem como objetivo investigar as perspectivas das mães envolvidas e não envolvidas com o PIPA sobre os conteúdos do programa e os conhecimentos e habilidades adquiridos em parentalidade e desenvolvimento infantil.

Enquadramento

A saúde digital, enquanto campo emergente de intervenção, disponibiliza serviços e informações de saúde através de programas baseados na Web, monitorização remota, teleconsultas e cuidados mediados por dispositivos móveis, superando barreiras como estigma, listas de espera, constrangimentos financeiros e logísticos (MacKinnon et al., 2022). As intervenções digitais parentais têm sido promovidas em diversos contextos e demonstram resultados satisfatórios no desenvolvimento infantil e em indicadores relacionados aos cuidadores. Estes programas procuram ampliar o conhecimento dos pais sobre o de-

seenvolvimento socioemocional das crianças pequenas, a um custo reduzido para os participantes. São oferecidos em diferentes contextos e modalidades, incluindo entrega em grupo ou individual, com evidências de melhores resultados associados à redução do stresse parental, ao fortalecimento da capacidade de reflexão e aumento da sensibilidade dos cuidadores (Opie et al., 2024).

Questão de investigação

Quais as perspectivas das mães (envolvidas e não envolvidas com o PIPA) sobre as impressões do programa e mudanças nos conhecimentos e práticas parentais?

Metodologia

Estudo descritivo, exploratório, com abordagem qualitativa. Este estudo está em conformidade com os requisitos de qualidade metodológica do Guia *Consolidated Criteria for Reporting Qualitative Research* (COREQ; Souza et al., 2021).

Participaram do estudo 30 mães, com idades entre 22 e 44 anos ($M = 28$; $DP = 6,49$), todas do género feminino. As participantes foram divididas em dois grupos: mães envolvidas, com acesso regular aos percursos de aprendizagem do programa, e mães não envolvidas, com acesso irregular ou incompleto aos percursos e *quizzes*. O grupo de mães envolvidas incluiu 22 participantes, enquanto o grupo de não envolvidas consistiu em oito participantes. O critério de envolvimento baseou-se no acesso regular, finalização dos percursos e realização dos *quizzes*. O acesso das participantes ao programa era realizado através de dispositivos da sua própria responsabilidade. O PIPA disponibilizou acesso aos percursos de aprendizagem, bem como apoio de mediadoras para acompanhar e facilitar as atividades. Este estudo constitui uma primeira avaliação do programa a partir da perspectiva das mães. Os critérios de inclusão no programa exigiam que as participantes fossem esposas de trabalhadores de empresas de construção civil ou que fossem trabalhadoras dessas empresas.

Os instrumentos de recolha de dados foram: a) formulário para caracterização socioeconómica e demográfica (dados biográficos e sócio ocupacionais, como género, idade, escolaridade, número de filhos e tempo de acesso aos percursos de aprendizagem, entre outros); b) Entrevista semiestruturada com perguntas norteadoras sobre as impressões das participantes sobre o PIPA, bem como sobre possíveis mudanças nas práticas parentais associadas aos conhecimentos e habilidades adquiridos ao longo do programa.

As entrevistas foram agendadas por meio de contacto digital com as participantes que consentiram em participar da pesquisa, utilizando-se a plataforma WhatsApp para definir o dia e hora mais adequados para a realização. As participantes foram selecionadas por conveniência. Cada participante recebeu uma carta de apresentação da pesquisa e forneceu consentimento mediante assinatura digital do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). A recolha de dados foi realizada individualmente,

através de entrevista semiestruturadas em ambiente digital, conduzidas por entrevistadoras treinadas, doutorandas e especialistas em saúde da criança, que não tinham contato prévio com as mães. A duração das entrevistas variou entre 10 e 20 minutos. Após a transcrição, os registros das entrevistas foram devolvidos às participantes através da aplicação WhatsApp. As gravações de áudio foram transcritas e importadas para o *software* NVivo Transcription, versão 12, sendo posteriormente revistas pela equipe de investigação para correção de eventuais inconsistências. Foi elaborado um livro de códigos indutivo, a partir da leitura individual de cada entrevista, o qual foi revisto por duas codificadoras. Estas codificadoras analisaram dois grupos distintos (mães envolvidas) e um grupo de mães não envolvidas. Eram investigadoras doutoradas, docentes em universidades públicas brasileiras, com experiência em investigação qualitativa.

A partir dos códigos iniciais, as principais classes foram refinadas e categorizadas conforme Gibbs (2009), com

base na literatura especializada sobre Programas Parentais e Desenvolvimento Infantil, identificando-se padrões e dissonâncias entre os grupos de mães envolvidas e não envolvidas. A saturação dos dados não foi adotada como critério, mas sim a exaustão, uma vez que todas as mães que aceitaram participar das entrevistas foram incluídas no estudo. A investigação foi aprovada pelo Comissão de Ética, sob o parecer 7.033.709.

Resultados

A média de idade do grupo das mães envolvidas foi de 30 anos, e a maioria tinha um filho (47%), enquanto no grupo das não envolvidas, a média foi de 33,25 anos, com predominância de famílias com dois filhos (50%). A análise temática das entrevistas resultou em três categorias principais: a) Desafios da parentalidade, b) Impressões das mães sobre o programa e c) Práticas parentais (Figura 1).

Figura 1

Categorias e classes relacionadas às impressões do programa PIPA na perspectiva de mães envolvidas e não envolvidas

Categoria 1: Desafios da parentalidade	Categoria 2: Impressões das mães sobre o programa	Categoria 3: Práticas Parentais
• Stress parental e sobrecarga (envolvidas e não envolvidas) • Importância da aprendizagem (envolvidas e não envolvidas) • Manejo de problemas (alimentação, aleitamento, birras (envolvidas e não envolvidas) • Participação do pai (envolvidas)	• Acesso aos percursos e consistência (envolvidas) • Satisfação (envolvidas e não envolvidas) • Interação com mediadoras e especialistas (envolvidas) • Kit PIPA (envolvidas)	• Marcos do desenvolvimento (envolvidas) • Tempo para brincadeiras, livros e leitura de histórias (envolvidas) • Comunicação cuidador-criança (envolvidas) • Atuação nas birras (envolvidas e não envolvidas) • Uso de telas (envolvidas e não envolvidas)

Desafios da parentalidade

Esta categoria contempla dificuldades como o stresse parental, a sobrecarga nas tarefas do cuidado e a necessidade de desenvolver competências para o exercício da parentalidade. Algumas participantes referiram ainda desafios relacionados com a permanência no programa e à adesão aos recursos digitais, como ilustra o relato: “Eu gosto muito de ver os vídeos, mas tenho dificuldade, porque não sei ler” (E14 - CE).

Os sentimentos de desgaste e sobrecarga foram mencionados por ambos os grupos, ressaltando a importância do suporte oferecido pelo programa. “Às vezes, eu estava no banheiro e ficava chorando, achando que não daria

conta . . . mas, através do PIPA, aprendi que tudo tem o seu tempo” (E4 - CE). Outra participante destacou a importância do compartilhamento de experiências no contexto do programa: “Eu fico muito sozinha com a bebê e eu divido com ela (mediadora), e foi muito boa essa troca, porque me deu um alívio” (E2 - CNE).

A autoavaliação e aprendizagem parental foram destacadas, com mães a reconhecerem a necessidade de desenvolver novas competências para lidar com os desafios da maternidade: “Foi a questão da paciência. Eu não tinha paciência! A psicóloga me orientou a não gritar” (E1 - CE). Outra participante destacou a orientação recebida para a educação de seu filho: “Eu ser agressiva com o meu

filho não é certo. Ela (mediadora) fala para mim que não pode fazer assim, que tenho que aprender a educar meu filho da maneira correta com a situação” (E3 - CNE). No entanto, a procura ativa por essas aprendizagens manifestou-se predominantemente entre as mães mais envolvidas. O tratamento de questões como alimentação e birras também surgiu nos relatos: “Ele quer algo, eu não dou, e ele faz aquela birra. Antes, a gente fazia os gostos, mas agora não” (E11 - CE). Além disso, a participação dos pais no programa foi mencionada por algumas mães, indicando um envolvimento compartilhado:

Criamos uma rotina da qual passamos muita coisa para ela (filha) que a gente está aprendendo. Conversei com meu esposo, ele assiste os vídeos, e passa para mim para que a gente possa passar para a pequena de uma forma mais leve. (E12 - CE).

b) Impressões das mães sobre o programa

Os relatos da segunda categoria refletem as impressões das mães sobre os percursos de aprendizagem, incluindo sugestões de alterações: “Eu queria que as trilhas fossem enviadas no final do mês” (E10 - CE). Outra participante destacou a dificuldade em concluir as atividades: “Eu sempre fico no meio do caminho e não consigo concluir” (E1 - CNE). Todas as participantes manifestaram satisfação com o PIPA, destacando os percursos de aprendizagem, o papel das mediadoras, os encontros com especialistas conforme necessidades individuais e o reconhecimento das visitas domiciliares como importante estratégia importante para o fortalecimento de vínculos e das competências práticas.

A interação com as mediadoras foi valorizada, embora também tenham sido referidas barreiras como falta de autoconfiança e competências de comunicação. Apesar destes desafios, algumas participantes relataram experiências positivas. “Nós de casa nos sentimos muito acolhidos. A visita domiciliar foi muito proveitosa” (E3 - CE). Outra participante, expressou a sua dificuldade inicial em interagir: “Eu me senti bem acolhida. Eu não sou de estar assim. Quando o pessoal (mediadoras) falava, eu dizia: ‘não posso’, tenho vergonha” (E4 - CNE). O Kit PIPA foi valorizado pelo grupo de mães envolvidas, sendo considerado um recurso importante, tanto para a criança como para o autocuidado da mãe: “O primeiro Kit PIPA foi um encanto, e isso a gente não vai esquecer. Sempre que recebo minha filha já sabe que é do PIPA” (E18 - CE).

c) Práticas Parentais

Na terceira categoria, as mães envolvidas evidenciaram uma maior diversidade de mudanças nas suas práticas parentais. Por exemplo, observou-se um aumento do interesse pelos marcos do desenvolvimento infantil: “Ela cita cada mês do desenvolvimento do bebê, o que ele faz, se ele estiver atrasado no desenvolvimento motor” (E1 - CE).

As mães envolvidas também relataram maior frequência na leitura de histórias, incentivando essa prática entre outras crianças: “Também dava os livros para as crianças (da vizinha) fazerem os desenhos” (E2 - CE). Além disso, o tempo destinado às brincadeiras foi priorizado,

com destaque para atividades ao ar livre e interações de qualidade, conforme referido pelas mães envolvidas: “Me ajudou em várias coisas a respeito do desenvolvimento dele, na forma de brincar com ele” (E13 - CE).

Relativamente à comunicação cuidador-criança, o grupo de mães envolvidas mencionou a adoção de estratégias lúdicas para incentivar a cooperação em atividades quotidianas, como o banho: “Ele ficava chorando para tomar banho. Eu vi na plataforma que deveria incentivar a criança contando histórias, dando brinquedos, e agora eu sempre faço isso” (E10 - CE). A gestão das birras constituiu uma aprendizagem relevante, segundo as mães envolvidas, que recorreram a estratégias de autorregulação e distração: “Quando ele estava acordado, eu começava a conversar, tentando distrair um pouco e entender o que ele estava sentindo. Fui colocando em prática um dia de cada vez, com paciência” (E9 - CE). As mães não envolvidas reconheceram dificuldades e necessidade de mais apoio: “Se disser um ‘não’, é complicado. Eu queria mais ajuda para entender a criança nesse momento de estresse” (E7 - CNE).

O uso de ecrãs foi referido por mães de ambos os grupos, evidenciando um maior controlo sobre o tempo de exposição e o reconhecimento desta problemática no quotidiano das famílias. Algumas participantes salientaram a importância de estabelecer limites e incentivar outras formas de interação: “O celular não é para a criança. É preciso incentivá-la a brincar, ter um horário para assistir TV e depois brincar” (E13 - CE). Outra participante destacou a sua perceção sobre o uso excessivo de ecrãs por crianças: “A maioria das crianças que me rodeia tem o foco no celular. A criança tem que ficar quieta porque tem um celular para ela” (E3 - CNE).

Discussão

Este estudo teve como objetivo analisar as perspetivas das mães envolvidas e não envolvidas no PIPA relativamente aos conteúdos do programa, bem como aos conhecimentos e competências adquiridos em parentalidade e desenvolvimento infantil. As dificuldades inerentes à parentalidade, expressas na categoria 1- Desafios da parentalidade, evidenciam a influência do stresse parental e da sobrecarga como fatores que podem impactar o bem-estar das mães. Estes aspetos foram reconhecidos pelas participantes, juntamente com a necessidade de ferramentas práticas para a gestão dos problemas que afetam o seu bem-estar. Cuidadores que relatam níveis mais elevados de stresse podem apresentar uma menor qualidade nas competências parentais. Embora as evidências sobre a associação entre ansiedade materna, rendimento familiar e stresse parental materno sejam inconsistentes, fatores modificáveis — incluindo o apoio social — têm sido identificados como elementos protetores, orientando estratégias de prevenção dos efeitos do stresse parental sobre resultados negativos tanto nas crianças como nos cuidadores (Fang et al., 2024).

O reconhecimento, por parte das mães, da abertura e disposição para modificarem as suas crenças e comportamen-

tos a partir de novas aprendizagens sobre a parentalidade também foi constatado em estudo sobre a aceitabilidade positiva dos programas *online* de parentalidade. Estes programas têm demonstrado resultados favoráveis tanto para as crianças — promovendo uma melhor regulação emocional — como para os cuidadores, ao reduzir o stresse, favorecer a aquisição de novas competências e incentivar mudanças práticas (McAloon & Armstrong, 2024).

As principais preocupações das mães — incluindo a alimentação, o aleitamento materno e as formas de lidar com birras — alinham-se com os resultados de um estudo de intervenção parental realizado via WhatsApp, que identificou maior participação e envolvimento nas trocas de mensagens entre as mães no início da semana, bem como uma tendência para a maior discussão de temas relacionados com as competências maternas no manejo da alimentação infantil. O estudo também evidenciou uma melhoria no bem-estar psicossocial materno e uma tendência para o aumento do apoio social na avaliação pré e pós-intervenção (Trude et al., 2021).

A participação do pai nas atividades diretas do programa não foi evidenciada no presente estudo, o que revela uma lacuna no envolvimento paterno nas intervenções parentais. O envolvimento do pai no cuidado infantil tem vindo a aumentar nos países de rendimento médio e baixa renda. O conceito de envolvimento paterno, definido por Jeong et al. (2023), abrange um amplo espectro de atividades, incluindo a provisão financeira, as responsabilidades de cuidado infantil (banho, alimentação), o envolvimento em atividades de aprendizagem na primeira infância (brincar, comunicar-se com a criança) e a participação em tarefas domésticas (limpar a casa, preparar alimentos). O estudo de McCann (2024) identificou uma relação significativa entre o envolvimento paterno nas tarefas domésticas e a redução de sintomas depressivos maternos, destacando a importância desse envolvimento.

Nas impressões das participantes sobre o programa, exploradas na segunda categoria, observaram-se experiências e percepções distintas entre as mães envolvidas e não envolvidas relativamente às atividades oferecidas. Esses resultados corroboram o estudo de MacKinnon et al. (2022) sobre intervenções parentais digitais, que apontou boa viabilidade e aceitabilidade de programas de saúde digital dirigidos a pais de crianças pequenas. A maioria dos estudos incluídos na revisão relatou elevados níveis de envolvimento, retenção e satisfação dos participantes, destacando o potencial das intervenções de eHealth para responder às necessidades dos cuidadores.

O acesso aos percursos e a retenção no programa podem ter sido influenciados por fatores como o apoio social recebido por membros da família. Tal como descrito por Buhr e Tannen (2020), entre os aspetos facilitadores para o acesso aos percursos de aprendizagem, destacam-se a conveniência do acesso autónomo, a gamificação dos percursos com elementos de jogo e *quizzes* ao final de cada percurso, bem como a disponibilização de conteúdos em múltiplos formatos (textos, vídeos e áudios).

A interação das mães com as mediadoras do programa e com os especialistas, destacada pelo grupo de participan-

tes, parece ser um fator determinante para a aceitação e adesão ao programa. Outro aspeto valorizado foi o Kit de autocuidado oferecido pelo programa, assim como os recursos educativos destinados à criança (como um livro infantil). Embora os programas baseados em modelos digitais sejam promissores, devem ser avaliados quanto à sua viabilidade e aceitabilidade e impactos a longo prazo. Numa meta-análise recente sobre programas de parentalidade *online* (Opie et al. 2024), os autores não encontraram efeitos significativos em variáveis como apoio social, satisfação e stresse dos pais, indicando que as intervenções digitais necessitam de suporte mais duradouro para produzirem efeitos mais significativos tanto nos cuidadores como nas crianças.

As práticas parentais, abordadas na terceira categoria, revelaram mudanças em ambos os grupos, com um maior envolvimento e uma diversidade de temas mais ampla no grupo de mães participantes, destacando-se a adoção de atividades lúdicas como brincadeiras e leitura de histórias. Os efeitos de intervenções baseadas na parentalidade positiva têm sido estudados a nível global, evidenciando resultados positivos, a exemplo do Programa ACT Raising Safe Kids Program no Brasil (Lawrenz et al., 2021). Os resultados desse programa indicaram diferenças estatisticamente significativas nas práticas parentais, apresentando um grande tamanho de efeito na regulação emocional e comportamental, um tamanho de efeito médio na comunicação e um pequeno tamanho de efeito na disciplina positiva. A adoção de práticas parentais positivas e cognitivas, como leitura de histórias, foi mais frequente no grupo de mães envolvidas. Esta prática costuma estar associada ao nível de literacia dos pais e pode influenciar a frequência da leitura compartilhada com crianças pequenas. Resultados de intervenções baseadas em livros, como o *“Dialogic Book Sharing”*, demonstraram uma associação com melhorias na parentalidade positiva em geral. Relativamente aos aspetos específicos da parentalidade positiva, também foram reportadas evidências por Murray et al. (2024). Outro fator relevante na relação parental, referido pelas participantes, é o tempo dedicado às brincadeiras, que foi mais frequente no grupo de mães envolvidas. O programa Brincar Ensina a Mudar (BEM; Solís-Cordero et al., 2023), uma intervenção digital direcionada para incentivar interações positivas através de brincadeiras durante as atividades domésticas, baseia-se na ideia de aproveitar momentos simples do quotidiano e objetos caseiros para promover interações lúdicas entre cuidadores e crianças, visando melhorar a qualidade da relação cuidador-criança e favorecer o envolvimento infantil. Os resultados indicaram efeitos significativos na qualidade da interação cuidador-criança. No entanto, não foram observados efeitos no repertório nem no envolvimento em atividades lúdicas adequadas à faixa etária da criança durante a realização de tarefas domésticas.

A comunicação entre cuidador e criança, mencionada pelo grupo de mães envolvidas, está relacionada com impactos observados em estudos que indicam que crianças cujos pais expressam afeto, apoio e emoções positivas tendem a apresentar maior autoestima e empatia, além de menos problemas comportamentais (Doan et al., 2023; Gordo

et al., 2020; Smit et al., 2022). A compreensão e o uso de ferramentas para lidar com birras foram referidos como um aspeto decisivo, envolvendo a percepção e a autorregulação do adulto, bem como estratégias focadas na relação com a criança. Estudos demonstram que a autorregulação dos pais é crucial para a gestão eficaz do comportamento infantil, uma vez que pais que conseguem manter a calma estão mais aptos a utilizar técnicas positivas de disciplina (Wang & Gai, 2024). Além disso, estratégias de distração são frequentemente recomendadas na literatura como métodos eficazes para redirecionar a atenção da criança durante birras, promovendo um ambiente mais calmo e controlado (Cheng et al., 2024). A gestão adequada das birras, quando assente em estratégias de autorregulação dos cuidadores, contribui também para o desenvolvimento da autorregulação emocional nas crianças, uma habilidade crítica na primeira infância e altamente preditiva do sucesso escolar e adaptação social (Blair & Raver, 2015). Por outro lado, as mães não envolvidas reconheceram a necessidade de reduzir o stresse para lidarem de forma mais segura e não punitiva com estes eventos. Intervenções que se focam na redução do stresse parental, como os programas *Adults and Children Together - Raising Safe Kids* (ACT) e *Dialogic Book Sharing* (DBS), têm demonstrado eficácia na melhoria das interações pais-filhos, bem como na redução de comportamentos violentos (Murray et al., 2024).

O uso de ecrãs foi também um tema destacado por todas as mães. Bortoli et al. (2022) identificaram que 24% das crianças entre os 4 e 5 anos assistiam televisão ou utilizavam tablets e smartphones durante 2 ou mais horas diárias. Estes dados reforçam a importância de os pais monitorizarem e regular o tempo de ecrã das crianças, promovendo atividades alternativas que favoreçam um desenvolvimento mais saudável.

Os relatos das mães envolvidas com o PIPA apontam para mudanças nas práticas parentais relacionadas com aspetos fundamentais do desenvolvimento infantil. O aumento do tempo dedicado às brincadeiras, a valorização da leitura partilhada e a maior atenção à comunicação entre cuidador-criança são fatores reconhecidos por promoverem o desenvolvimento cognitivo, socioemocional e linguístico na primeira infância (Britto et al., 2017). Ao promover estas práticas, o programa PIPA contribui para a criação de ambientes familiares mais enriquecidos, caracterizados por interações estáveis, afetivas e estimulantes.

Conclusão

Os resultados deste estudo evidenciam diferentes perspetivas sobre os desafios da parentalidade, as percepções das mães acerca do programa e as práticas parentais, com distinções relevantes entre mães mais ou menos envolvidas na intervenção. Esses resultados reforçam o potencial das intervenções parentais digitais como um modelo promissor de educação em saúde, especialmente em contextos nos quais cuidadores de crianças pequenas necessitam de acesso contínuo a conhecimentos e habilidades práticas. A boa taxa de retenção e os relatos de satisfação entre as

participantes indicam que modelos digitais podem ser eficazes e bem aceites, desde que acompanhados de estratégias de suporte adequadas. Entre as limitações do estudo, destacam-se a discrepância no número de participantes entre os grupos e o fato de a recolha de dados ter ocorrido em um único momento, o que poderá ter impactado a abrangência das percepções e a recordação de experiências. Ainda assim, os dados obtidos oferecem contributos relevantes para o aperfeiçoamento de programas digitais sobre cuidados parentais e para futuras investigações sobre os seus efeitos no desenvolvimento infantil.

Contribuição de autores

Conceptualização: Coriolano Marinus, M. W., Ricarte, M. D., Hass, B. M., Cordeiro, E. D.

Tratamento de dados: Coriolano Marinus, M. W., Ricarte, M. D., Hass, B. M., Cordeiro, E. D.

Análise formal: Coriolano Marinus, M. W., Ricarte, M. D., Cordeiro, E. D.

Aquisição de financiamento: Ricarte, M. D.

Investigação: Coriolano Marinus, M. W., Ricarte, M. D., Hass, B. M.

Metodologia: Ricarte, M. D., Hass, B. M.

Administração do projeto: Ricarte, M. D.

Validação: Ricarte, M. D.

Visualização: Cordeiro, E. D.

Redação - rascunho original: Coriolano Marinus, M. W., Ricarte, M. D., Hass, B. M., Cordeiro, E. D.

Redação - análise e edição: Ricarte, M. D., Cordeiro, E. D.

Referências bibliográficas

- Blair, C., & Raver, C. C. (2015). School readiness and self-regulation: A developmental psychobiological approach. *Annual Review of Psychology*, 66, 711-731. <https://doi.org/10.1146/annurev-psych-010814-015221>
- Britto, P. R., Lye, S. J., Proulx, K., Yousafzai, A. K., Matthews, S. G., Vaivada, T., Perez-Escamilla, R., Rao, N., & Dua, T. (2017). Nurturing care: Promoting early childhood development. *The Lancet*, 389(10064), 91-102. [https://doi.org/10.1016/S0140-6736\(16\)31390-3](https://doi.org/10.1016/S0140-6736(16)31390-3)
- Cheng, J., Zhao, J., Song, B., Han, H., Liu, N., Chen, Y., Liu, X., Dong, Y., Bian, W., Liu, Z., & Han, S. (2024). Positive effects of parent-child group emotional regulation and resilience training on nonsuicidal self-injury behavior in adolescents: A quasi-experimental study. *Frontiers in Psychiatry*, 15. <https://doi.org/10.3389/fpsy.2024.1343792>
- Daelmans, B., Manji, S. A., & Raina, N. (2021). Nurturing care for early childhood development: Global perspective and guidance. *Indian Pediatrics*, 58(1), 11-15. <https://doi.org/10.1007/s13312-021-2349-5>
- Buhr, E., & Tannen, A. (2020). Parental health literacy and health knowledge, behaviours and outcomes in children: A cross-sectional survey. *BMC Public Health*, 20(1), 1096. <https://doi.org/10.1186/s12889-020-08881-5>
- Doan, S., MacDonald, S., & Swaminathan, K. (2023). The socialization of positive emotions: Implications for physical health and psychological adjustment. *Mental Health & Prevention*, 30, 200272. <https://doi.org/10.1016/j.mhp.2023.200272>

- Fang, Y., Luo, J., Boele, M., Windhorst, D., Grieken, A., & Raat, H. (2024). Parent, child, and situational factors associated with parenting stress: A systematic review. *European Child & Adolescent Psychiatry*, 33, 1687–1705. <https://doi.org/10.1007/s00787-022-02027-1>
- Gibbs, G. (2009). *Análise de dados qualitativos*. Artmed.
- Gordo, L., Martínez-Pampliega, A., Iriarte Elejalde, L., & Luyten, P. (2020). Do parental reflective functioning and parental competence affect the socioemotional adjustment of children? *Journal of Child and Family Studies*, 29(12), 3621–3631. <https://doi.org/10.1007/s10826-020-01840-z>
- Jeong, J., Sullivan, E. F., & McCann, J. K. (2023). Effectiveness of father-inclusive interventions on maternal, paternal, couples, and early child outcomes in low- and middle-income countries: A systematic review. *Social Science & Medicine*, 328, 115971. <https://doi.org/10.1016/j.socscimed.2023.115971>
- Lawrenz, P., Yousafzai, A. K., & Habigzang L. F. (2021). ACT raising safe kids program improves parenting practices, beliefs about physical punishment, management of anger, and mental health: Initial evidence from a study in Brazil. *Children and Youth Services Review*, 131, 106299. <https://doi.org/10.1016/j.childyouth.2021.106299>
- MacKinnon, A. L., Silang, K., Penner, K., Zalewski, M., Tomfohr-Madsen, L., & Roos, L. E. (2022). Promoting mental health in parents of young children using eHealth interventions: A systematic review and meta-analysis. *Clinical Child and Family Psychology Review*, 25(3), 413–434. <https://doi.org/10.1007/s10567-022-00385-5>
- McAloon, J., & Armstrong, S. M. (2024). The effects of online behavioral parenting interventions on child outcomes, parenting ability and parent outcomes: A systematic review and meta-analysis. *Clinical Child and Family Psychology Review*, 27, 523–549. <https://doi.org/10.1007/s10567-024-00477-4>
- McCann, J. K., Freire, S., Oliveira, C. V., Ochieng, M., & Jeong, J. (2024). Father involvement is a protective factor for maternal mental health in Western Kenya. *SSM: Mental Health*, 5, 100318. <https://doi.org/10.1016/j.ssmmh.2024.100318>
- Mukherjee, S. B., Agrawal, D., Mishra, D., Shastri, D., Dalwai, S. H., Chattopadhyay, N., Unni, J., Bharadva, K., Thadhani, A., Lewin, M., Nagaraj, A., Ramji, S., Mehta, R., Singh, V. V., Wagt, A., Aquino, L. D., Pejaver, R. K., Gandhi, A., Tank, J., ... Gupta, P. (2021). Indian academy of pediatrics position paper on nurturing care for early childhood development. *Indian Pediatrics*, 58(10), 962–969. <https://doi.org/10.1007/s13312-021-2332-1>
- Murray, J., Martins, R. C., Greenland, M., Cruz, S., Altafim, E., Arteché, A. X., Cooper, P. J., Domingues, M. R., Gonzalez, A., Machado, A. K., Murray, L., Oliveira, I., Santos, I., Soares, T. B., Tovo-Rodrigues, L., & Voysey, M. (2024). Effects of two early parenting programmes on child aggression and risk for violence in Brazil: A randomised controlled trial. *Prevention Science*, 25, 834–848. <https://doi.org/10.1007/s11121-024-01698-3>
- Opie, J. E., Esler, T. B., Clancy, E. M., Wright, B., Painter, F., Vuong, A., Booth, A. T., Newman, L., Johns-Hayden, A., Hameed, M., Hooker, L., Olsson, C., & McIntosh, J. E. (2024). Universal digital programs for promoting mental and relational health for parents of young children: A systematic review and meta-analysis. *Clinical Child and Family Psychology Review*, 27, 23–52. <https://doi.org/10.1007/s10567-023-00457-0>
- Smit, S., Mikami, A. Y., & Normand, S. (2022). Effects of the parental friendship coaching intervention on parental emotion socialization of children with ADHD. *Research on Child and Adolescent Psychopathology*, 50(1), 101–115. <https://doi.org/10.1007/s10802-021-00818-9>
- Solis-Cordero, K., Duarte, L. S., & Fujimori, E. (2022). Effectiveness of remotely delivered parenting programs on caregiver-child interaction and child development: A systematic review. *Journal of Child and Family Studies*, 31, 3026–3036. <https://doi.org/10.1007/s10826-022-02328-8>
- Solis-Cordero, K., Marinho, P., Camargo, P., Takey, S., Lerner, R., Ponczek, V. P., Filgueiras, A., Landeira-Fernandez, J., & Fujimori, E. (2023). Effects of an online play-based parenting program on child development and the quality of caregiver-child interaction: A randomized controlled trial. *Child Youth Care Forum*, 52, 935–953. <https://doi.org/10.1007/s10566-022-09717-6>
- Souza, V. R., Marziale, M. H., Silva, G. T., & Nascimento, P. L. (2021). Translation and validation into Brazilian Portuguese and assessment of the COREQ checklist. *Acta Paulista de Enfermagem*, 34, eAPE02631. <https://doi.org/10.37689/acta-ape/2021AO02631>
- Trude, A. C., Martins, R. C., Martins-Silva, T., Blumenberg, C., Carpena, M. X., Del-Ponte, B., & Loret de Mola, C. (2021). A WhatsApp-based intervention to improve maternal social support and maternal-child health in Southern Brazil: The text-message intervention to enhance social support (TIES) feasibility study. *INQUIRY: The Journal of Health Care Organization, Provision, and Financing*, 58, 00469580211048701. <https://doi.org/10.1177/00469580211048701>
- Walker, P. A. (2007). Political ecology: Where is the politics? *Progress in Human Geography*, 31(3), 363–369. <https://doi.org/10.1177/0309132507077086>
- Wang, S., & Gai, X. (2024). Bidirectional relationship between positive parenting behavior and children's self-regulation: A three-wave longitudinal study. *Behavioral Sciences*, 14(1), 38. <https://doi.org/10.3390/bs14010038>